

O CRISTO, O OBSESSIVO E O HISTÉRICO

José Fabiano Ito

É conhecido o aforisma lacaniano a respeito da verdadeira fórmula do ateísmo: “Deus é inconsciente” (LACAN, 1998, p. 60). O inconsciente tem, com efeito, sutilezas tão problemáticas como aquelas atribuídas pelo catolicismo a deus. O inconsciente freudiano é estruturado como uma linguagem, é incognoscível e é acrônico, enquanto o deus da doutrina católica é o verbo, é aquele cujo nome é impronunciável, bem como algo que, estando na origem, está imune ao domínio temporal.

“No princípio era o verbo. E o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus”, diz a conhecida passagem bíblica (Evangelho Segundo São João). A ênfase dada a algo da instância do verbo parece ter ressonâncias sobre os achados extraídos da clínica psicanalítica. Captura a atenção, por exemplo, uma certa vizinhança entre, de um lado, o mito católico do pecado original, consistente na incorporação do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e de outro, a proposição encontrável no seio da psicanálise sobre o papel da linguagem na passagem do animal ao humano, da vida instintiva à vida pulsional, do objeto da satisfação ao “objeto a”, da existência à “existência”. Por outro lado, a teoria psicanalítica propõe que a queda vertiginosa possível de ser causada ao homem pelo fato da falta do objeto pode encontrar o seu ponto-de-basta naquilo que foi designado por Lacan como o Nome-do-Pai. Na medida em que o pai simbólico é o pai morto, assim como a metáfora paterna é uma metáfora do nada, objeto do desejo da mãe, está aberta aí a possibilidade de uma articulação entre essa proposição psicanalítica e o mito religioso da paixão e morte de Cristo.

Tomando como ponto de partida a clínica psicanalítica, é preciso reconhecer, em primeiro lugar, que a negação da morte do pai parece ser uma atitude ínsita ao homem. Seja qual for a estrutura psíquica que venha a ser posta em questão, a negação da castração é uma constante que abre espaço apenas para variações atinentes à maneira

específica como, em cada caso, é operado esse rechaço. Tanto na histeria como na neurose obsessiva, o pai simbólico está lá, a metáfora paterna está em operação, como ponto-de-basta, mas a impossibilidade demarcada por ela é tomada como mero acidente ou como mera proibição. As diferenças entre as duas estruturas citadas talvez possam ser estudadas, no campo das manifestações religiosas, mediante a comparação das nuances do surgimento da culpa nos dois casos. A palavra culpa pode ser utilizada, vulgarmente, em duas acepções diferentes: pode designar tanto uma negligência, uma falha proveniente de uma omissão, como uma imprudência, um excesso decorrente de uma ação. Enquanto a culpa do neurótico obsessivo parece estar mais próxima da idéia de um excesso, a culpa do sujeito histérico se coaduna mais com a manifestação de uma negligência. A clínica psicanalítica é sugestiva de que o obsessivo tem um encontro com o real marcado por um gozo sentido como excessivo, ao passo que o histérico vivencia essa experiência sob a marca de uma insuficiência.

Há, portanto, uma especificidade no modo como o neurótico obsessivo faz a negação da castração. Ele aceita o pai como algo que faz obstáculo ao desejo da mãe, mas lhe nega o valor de metáfora ao ponto de ficar paralisado perante uma figura paterna congelada. Diante do enigma do desejo da mãe, ele tenta anular o empuxo ao vazio desse desejo mediante a atribuição da idéia de inteireza à figura paterna. Para isso, ele opera uma formalização comparável àquela feita pela matemática com a criação das abstrações dos números zero e um. De um lado, o desejo da mãe é enquadrado na idéia do zero absoluto, do nada convertido em conjunto vazio, e de outro, o pai é equiparado à figura do número um inteiro. É sabido que, na matemática, o número zero nem sempre existiu. Mas a questão é que ali, na idéia do inteiro absoluto, já estava implícita, desde o princípio, a idéia reversa do zero, do nada absoluto, conforme o raciocínio freudiano operado a respeito do sentido antitético das palavras primitivas. Mas é isso o que reluta em enxergar o neurótico obsessivo, afeito à geometria euclidiana das formas perfeitas.

O obsessivo é um arauto da objetividade, divulgador da tese de que nada pode surgir do nada. É assim que ele quer anular o desejo da mãe, enquadrando-o como se fosse o contorno de um vazio inoperante. Mas ele somente é capaz de chegar a essa conclusão a partir da suposição da existência do contrário, ou seja, da existência do um inteiro e operacional. É aí que ele coloca a figura paterna, como o número um inteiro, aquele que não fica rateando como a mãe, aquele que é imune ao desejo. O pai do obsessivo é tido como alguém isento do empuxo ao sexo no que isso tem de corte, alguém livre do enigma do desejo da mãe. Essa é a lei que o obsessivo quer seguir, a lei perfeita que impõe a deposição das armas, que decreta o fim da busca pelo objeto do desejo.

Por aí já é possível perceber a leitura que o obsessivo pode fazer do mito religioso da paixão de Cristo. Para ele, o filho de deus foi alguém que atravessou impassível as tormentas causadas pelo desejo: ele não se entregou à morte, fez pouco dela, cruzou a vida sem ser escravizado pelo sexo. Não é gratuita a aproximação sempre feita entre o cristianismo e a neurose obsessiva, ao ponto de Charles Melman (2004) haver observado que não há na história testemunho da existência da neurose obsessiva antes do surgimento da religião católica, isso após ter feito o comentário de que a força dessa religião está na criação de um deus fora do sexo. O grande problema do obsessivo é que, ao tomar a lei paterna como um mandamento dirigido à exclusão do sexo em sua feição de corte, ele está recalçando aquilo que o desejo da mãe tem de operante, bem como aquilo que a figura paterna tem de negatividade. O retorno do recalçado é então a sua única certeza. Os seus cuidados com a prática dos atos reputados necessários à concretização da lei paterna podem ser alvo de uma espécie de compulsividade, reveladora de um excesso que cria um vazio quanto ao sentido prático dessas ações. Cuidar do fechamento da porta da casa é um ato esperado de bom senso, mas o obsessivo faz isso de uma forma compulsiva, anulando o sentido original dessa ação.

O que o neurótico obsessivo quer não enxergar é que, ao se esforçar para se manter fora do sexo, supostamente para se ver livre do império do enigma do desejo materno, ele está a serviço da negatividade característica desse desejo negado. Ele é assaltado pelas formações sintomáticas, produtoras de uma solução de compromisso entre a lei paterna e a negatividade do desejo materno. Desse modo, é comum que, ao realizar essas suas ações repletas de conscienciosidade, ele seja assaltado por pensamentos de conteúdo escatológico. Porém, ao contrário do psicótico que recebe essas intervenções repulsivas como vindas do exterior, o obsessivo mantém um mínimo de implicação com esses seus pensamentos, surgindo dessa sua intuição vinculativa um sentimento de culpa por aquilo que ele sente como um excesso. Segundo a lição de Charles Melman (2004, p. 26), “o obsessivo é o sujeito dividido que se vê pecador por não poder cumprir integralmente uma lei que ele ama”. Está aí figurado o que se quis dizer com a afirmação de que a culpa do neurótico obsessivo está mais próxima da noção de uma certa imprudência reveladora de um excesso.

Como é notório, o passo dado por Freud diante dessas constatações a respeito da neurose obsessiva foi a de compará-las à prática religiosa. São conhecidas e seguem sendo pertinentes as equivalências feitas entre as proibições típicas da neurose obsessiva e as interdições contidas nos regramentos religiosos, bem como entre os atos propriamente obsessivos e os rituais presentes nas liturgias religiosas. Com efeito, como não observar que alguns desses rituais, repetidos à exaustão pelos fiéis, também são dotados de um inesperado “nonsense”? É aparentemente absurda a idéia da transubstanciação, da efetiva transformação da hóstia e do vinho no corpo e no sangue de Cristo. Mas o interessante, diante disso, é observar que esse mistério religioso, por esconder a manifestação de uma refeição totêmica segundo a concepção freudiana, é aceito sem embargo do absurdo ali encerrado. De acordo com Freud (1996), em

“Moisés e o Monoteísmo”, o retorno do recalcado, quando irrompe, resiste a qualquer objeção lógica.

E quanto ao sujeito histérico? Quais as especificidades discerníveis na maneira como ele opera a negação da castração? Ele parece ser alguém que tem no pai um modelo de fracasso, um terceiro que, embora atraia a atenção da mãe, é falho ao tentar atender ao desejo materno. Esse pai está longe, portanto, da integridade “blasé” do pai do obsessivo. O sujeito histérico, ao tomar a intervenção do pai como produtora de uma falha, não extrai dela uma lei impositiva como faz o obsessivo. Ele não se sente forçado a seguir o exemplo decepcionante do pai. Por isso, ele não se vê compelido a abdicar do enigma do desejo, a resistir ao empuxo ao sexo, em nome de uma certa integridade, mas acredita ser preciso estabelecer uma nova ordem para colocar fim aos desencontros causados pela ação do desejo. Ele se solidariza com o fracasso do pai, extraindo dessa derrota a lição de que é preciso se precaver contra as injunções do desejo.

A sua estratégia parece partir da constatação de que, no campo do desejo, o que existe é uma Torre de Babel de línguas que falam à exaustão, ávidas por um encontro, mas que não se ouvem, produzindo apenas ruídos e dissenções. Diante disso, o sujeito histérico propõe a renúncia ao que é da ordem do desejo. A sua lógica é a de que, mediante a renúncia às injunções advindas das vocalizações do desejo próprio, é possível criar as condições necessárias para que os outros possam ser reconhecidos e atendidos em seus votos. Se todos aderissem a essa exortação ao dom de si mesmo, seria possível enfim estabelecer a reciprocidade tão ansiada. Por isso, se a palavra de ordem do neurótico obsessivo é a integridade, como forma de precaução contra um excesso, a do histérico é a renúncia, como modo de assunção da culpa por uma falha vivida como uma negligência.

É por esse viés que pode ser feita a leitura histórica da saga de Cristo. A aceitação da morte pelo filho de deus é tomada como o sacrifício perfeito, o

acontecimento propiciador de uma virada que tornou possível a substituição do mundo das atribulações do desejo por uma nova ordem de amor. O lema do sujeito histérico diz que é preciso dar, sem nada esperar em troca. A partir do exemplo extraído da paixão de Cristo, esse lema foi dramatizado mediante a exortação de que é preciso morrer, para renascer para uma nova vida. O sujeito histérico, no lugar de se sentir privado do objeto, faz dom, renuncia a ele, por amor ao próximo (MELMAN, 1985). A culpa para o histérico corresponde à assunção da responsabilidade pela consecução da reciprocidade, de modo que os fracassos nessa empreitada são sentidos como sendo frutos de sua negligência. Enquanto o obsessivo se culpa por uma falta no sentido de um crime, o histérico se culpa por uma falta no sentido de uma omissão. Na clínica psicanalítica, isso está teorizado como sendo uma assunção da culpa pela falta da relação sexual. O sujeito histérico se esmera, diante disso, na prática do amor, se deliciando com a definição lacaniana de que o amor consiste em dar o que não se tem. Seu modelo maior entre os personagens sagrados é a Virgem Maria, modelo de mulher que é capaz de se entregar a alguém, mas nunca por si própria, de modo a permanecer virgem quanto a um gozo que lhe seja próprio. Do mesmo modo, o seu sacramento preferido é o do casamento religioso que, segundo a concepção cristã, deve ser erigido sobre uma base de renúncia recíproca.

Porém, o que o histérico se recusa a ver é a continuação da definição lacaniana do amor. O aforisma completo diz que amar é dar o que não se tem, a quem não o quer. Não é possível escapar ao influxo da negatividade do desejo. O que o sujeito histérico faz, com a sua postura de bela alma, é fingir que está morto, mas isso apenas como um artifício utilizado para esconder que está morto de fato. Ele se esforça em tentar convencer que está morto para o seu próprio desejo, ao se propor a fazer o dom perfeito de si mesmo. Como se o seu voto de renunciar ao desejo já não fosse em si a manifestação do desejo. Por outro lado, nada sendo feito em seu nome próprio, é claro

que ele está apenas encenando a encarnação daquele que lhe parece ser o objeto do voto alheio. Porém, é aí que ele pode se tornar vítima de seu próprio ilusionismo, ao se confundir com o personagem interpretado e ser tragado pelo sofisma de que, se a reciprocidade nunca é encontrada, é porque a sua performance está sendo deficitária.

É desse esquecimento que decorre a miríade de manifestações sintomáticas que atingem, preferencialmente, o corpo do sujeito histérico, tendo em vista que é o corpo a sede das expressões, insistentemente negadas pelo histérico, do real de um sexo que faz corte. É por esse prisma que talvez possa ser lançada alguma luz sobre experiências sentidas como obscuras, mas que são tão comumente observadas na prática religiosa, de que são exemplos os transe e os desmaios ditos mediúnicos. Do mesmo modo, essa vinculação entre a religião e a histeria pode constituir um modo de se deter, um instante mais talvez, diante do embaraço oriundo das manifestações, comuns tanto entre os propriamente religiosos como entre os fiéis leigos, de cruentas penitências que elegem como alvo o próprio corpo.

BIBLIOGRAFIA

Evangelho Segundo São João. **BÍBLIA SAGRADA**. São Paulo: Editora Paulus, 1991.

FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MELMAN, C. **A Neurose Obsessiva**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____. **Novos Estudos sobre a Histeria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SOBRE O AUTOR

José Fabiano Ito. Membro em formação da Fazenda Freudiana de Goiânia. Membro do Núcleo do Corpo Freudiano de Goiânia.